



**sala preta**  
**ppgac**

ISSN: 2238-3867

Volume 23  
Nº 3  
2024



## EDITORIAL

Alessandra Montagner,  
Franciane *Kanzelumuka* S. de Paula,  
Marcos Bulhões Martins,  
Renata Ap. Felinto dos Santos,  
Rodrigo Severo



## Editorial

À Leda Maria Martins

### **Aos nossos ancestrais – aos que vieram antes, aos presentes e aos que retornarão**

O racismo no Brasil tem sido um princípio organizador que legitima dois grupos de seres humanos. Um é composto por pessoas que podem formular conhecimento, cujas capacidades epistemológica e intelectual são reconhecidas, e a quem é dado o privilégio da fala e da determinação de quais pesquisas e nomes podem ou não ser legitimados. O outro é constituído por pessoas que estiveram situadas como objeto de estudo, cujas epistemes fundamentadas em suas cosmologias, histórias e concepções humanas e civilizatórias foram relegadas a coadjuvantes nas articulações de origem da era moderna. São, contudo, inquestionáveis as contribuições não nominadas provenientes das populações às quais foram obstruídos os direitos à sua inscrição condigna nas áreas das Ciências Humanas, Exatas e Biológicas, fato que incide invariavelmente no campo das teorias e práticas das Artes e das Linguagens.

Criada em 2001, a Revista Sala Preta ainda não havia dedicado espaço de considerável destaque ou dossiê temático às questões pertinentes às pesquisas afrorreferenciadas nas Artes da Cena. Já havia passado da hora de a Sala Preta fazer jus à cor que carrega no nome<sup>1</sup> e se enegrecer. Já era tempo de ampliarmos a nossa contribuição para a superação do racismo epistêmico na produção e na difusão do conhecimento acadêmico no Brasil e nos comprometermos com a evidenciação de uma atitude declaradamente antirracista. Não havia mais como se esquivar de um gesto – mesmo que ínfimo, diante da imensidão histórica dos epistemicídios e etnocídios consolidados pela estrutura acadêmica brasileira – de reparação das ausências que espectralmente constituem as referências fundantes da área. Os tempos

<sup>1</sup> Que homenageia a história do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), ao fazer referência à sala (cujas paredes eram pintadas de preto) onde até 1995 foram apresentados os trabalhos práticos do Departamento, antes de o Teatro Laboratório ser inaugurado.

mudaram – repetimos reiteradamente – e com eles se manifestam urgências: necessidades de retorno aos saberes ancestrais e de reparação e retomada de epistemologias afrodiáspóricas, suprimidas pela grande máquina de embranquecimento que é o nosso sistema acadêmico, de tradição ocidentalizada. Esses saberes são historicamente invisibilizados pela “[...] civilização da escrita, do livro, [que] se impunha, como se fora única, verdadeira e universal em seu desejo de dominação e de hegemonia [...] E [que] visava ao desaparecimento simbólico ou literal do outro, seu apagamento”, como nos diz a professora, pesquisadora e Rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá Leda Maria Martins (2021, p. 35), em *Performances do Tempo Espiralar: Poéticas do corpo-tela*.

Vivemos em tempos nos quais a exclusiva perpetuação das formas de conhecimento da tradição branca e burguesa não é só insuficiente, mas política e eticamente insustentável. Assim, para nos lançarmos à empreitada de tecermos um dossiê específico sobre a diversidade e complexidade das performatividades negras no Brasil foi imprescindível enegrecer e ampliar as perspectivas e alianças editoriais através da reunião de pesquisadoras/es com experiência reconhecida em campos diversos – teatro, dança, performance, dentre outros. Foi necessário ampliar as circunstâncias, vivências e intersecções dos corpos que formam o corpo editorial da Revista.

Desse modo, o **Dossiê Performatividades Negras** é uma tentativa de comprometimento com a luta pelo fim de um império cognitivo, buscando exaltar e reconhecer, nesta edição, a presença de saberes incorporados, conhecimentos pluriversais, alternativos e contestatórios, que possibilitam deslocamentos e rupturas epistemológicas e metodológicas, subvertendo as hierarquias sociais, raciais e pedagógicas hegemônicas. Performatividades afrorreferenciadas são um elo com o passado e com a espiritualidade. Não estão apenas ligadas às visualidades, às materialidades e às suas testagens e experimentações em/da cena. Os corpos das performatividades negras vibram nas dimensões visíveis e invisíveis, são corpos físicos, espirituais e rituais; são corpos consagrados no sagrado, inscritos na ancestralidade, porque a reconhecem como princípio de existência para a população negro-africana; corpos cuja ruptura se estrutura precisamente nas várias intersecções, tensões e negociações que formam a encruzilhada entre corpo e pensamento – forjada pela tradição

ocidental –; que giram em tempos e formas espiralares, não permitidas pela linearidade da lógica ocidentalizada. Afinal, como mais uma vez nos adverte Leda Maria Martins (2021, p. 123), “[...] a linguagem dos tambores, sopro dos antepassados, investida de um éthos divino, agencia os cantares e a dança, de forma oracular, prenunciando uma subversão da ordem social, das hierarquias escravistas e dos saberes hegêmônicos”.

E assim, a partir de suas próprias palavras e presença nessas linhas que abrem este número, evocamos Leda Maria Martins, pesquisadora e mulher negra, referência fundamental para se pensar as performatividades negras no Brasil, a quem homenageamos nesta edição. Enquanto mulher negra teve que superar os impedimentos colocados pelo racismo estrutural e epistemológico para ser devidamente reconhecida na academia do país, uma vez que sua obra foi homenageada e teve circulação internacional antes de ser devidamente validada pelos seus pares nacionais. A grandeza de seu legado e a potência dos caminhos que abriu é evidenciada pela grande presença de autoras negras neste dossiê, e ilumina, direta ou indiretamente, as trajetórias e o pensamento destas e de muitas outras pesquisadoras negras que estão ocupando de forma crescente os seus lugares de direito no fórum da academia brasileira. Leda Maria Martins é *candace* – palavra que remonta as grandes e sábias governantes das dinastias keméticas –, é farol, é luz que guia e *alumia* todas e todos que desejam afirmar a cena e seu pensamento para além do paradigma ocidentalizado, de modo plural e comprometido com a importância das tradições afrodiáspóricas no país.

A partir dessa homenagem, o **Dossiê Performatividades Negras** é aberto pela perspectiva de uma também mulher, pesquisadora e artista negra: Priscila Rezende, que compartilha os resultados de sua pesquisa acadêmica no texto “Performance *Bombril*: Do ataque racista à poética da resistência”, escrito em coautoria com Marcelo Eduardo Rocco Gasperi. O texto analisa a performance *Bombril*, da própria autora, a partir das estratégias de enfrentamento que agencia contra a violência colonial que rebaixa os atributos da estética corporal da mulher negra. Rezende apropria-se da chacota ao apresentar a literalidade imatura das ofensas racistas e investiga as suas reverberações por mais de uma década até a atualidade.

Por sua vez, “Registros de cena: as imagens póstumas do TEN como perpetuação poética do teatro negro”, de Viviane da Soledade Tôrres, parte da análise de fotografias históricas do Teatro Experimental do Negro, considerando os vazamentos sociais que revelam a recepção do corpo racializado na arte e na vida. A autora aborda os contextos que complexificaram a presença e a formação de públicos negros no teatro, e os possíveis impactos do acervo com o qual trabalhou para o legado do teatro negro.

Em “Dançar/escrever/saber: uma perspectiva espiralalar da dança da *avamunha*”, Laís Salgueiro Garcez analisa o movimento da dança da *avamunha* na perspectiva do gesto-tempo espiralado, destacando a importância da ancestralidade, musicalidade e circularidade na construção dos códigos estéticos dessa dança ritual do Candomblé Ketu.

Já “O Baiar do Velho: Corpografias de um vodum afro-maranhense como reverberação criativa”, de Vinicius Viana Ferreira, ressalta essa matriz espiritual, religiosa e estética que reverencia o sagrado em diálogo com a sonoridade dos tambores, traduzindo na linguagem dos corpos a herança de outras matrizes e sistemas provenientes de África, notadamente dos povos jejê, minas e fon.

É na materialidade do gesto e na potência da força da comunidade que o texto “Poéticas da Encruzilhada: Capoeira no jogo da cena”, de Marlini Dorneles de Lima, Renata Kabiliaewatala, Jordana Dolores Peixoto e Cláudia Cardoso Barreto, nos conta como a noção de encruzilhada e práticas decoloniais são exploradas como práticas reflexivas das performatividades negras e periféricas a partir da experiência dos grupos Núcleo Coletivo 22 e Batakerê, com foco no Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô.

“Sujeitas(os) da Fala: Dramaturgia contemporânea, autorias negras e escrita como dominação (ou emancipação?)”, de Carlos Alberto Mendonça Filho, aborda a dramaturgia negra contemporânea brasileira, analisando autoria, temas e formas para discutir e refletir sobre o impacto do racismo estrutural no acesso à escrita teatral por corpos negros, utilizando conceitos como oralitura, escritavência e encruzilhada.

Em “O teatro da revolução branca chegou ao fim”: Atos de fala antirracistas em *Legítima Defesa*”, Vicente Carlos Pereira Júnior intersecciona a teoria dos atos de fala com enunciações proferidas em duas obras do

coletivo Legítima Defesa, de modo a evidenciar os seus efeitos antirracistas, que sugerem, segundo o autor, uma nova contemporaneidade para a cena no Brasil.

Em “A cena tá preta e antirracista! Considerações sobre as pesquisas em performances negras no Brasil”, Rogério Lopes da Silva Paulino pesquisa as performances negras contemporâneas no Brasil em uma perspectiva negrorreferenciada, mapeando coletivos artísticos, dramaturgias, escolas, espetáculos, eventos, festivais, fóruns, grupos de pesquisa, publicações e outras iniciativas que ocorrem em diferentes estados brasileiros. O seu argumento central é que os(as) artistas e pesquisadores(as) negros(as) estão saindo da invisibilidade e da subalternidade para se colocarem como protagonistas de um processo de revisão, quicá de refundação, dos pilares nos quais se assentam as artes da cena no Brasil.

O dossiê é encerrado pela entrevista “Técnica Silvestre e a força do encontro entre tradição e contemporaneidade”, de Ana Beatriz Coutinho Rezende e Vera Passos. No texto, vislumbramos a elaboração de uma metodologia de preparação corporal oriunda da força da tradição das danças de matrizes africanas engendradas no *modus cênico* ocidentalizado. Vera Passos reflete sobre o diálogo entre tradição e contemporaneidade, evidenciando as potências dessa intersecção.

Além do **Dossiê Performatividades Negras**, esta terceira e última edição do ano de 2024 da Sala Preta inaugura a seção **Textos em Fluxo Contínuo** com a publicação do texto “No princípio, era o afeto”, de Suely Rolnik, traduzido pela própria autora e originalmente publicado nas línguas espanhola e inglesa. Rolnik se debruça sobre o lugar essencial do afeto nas criações do grupo Mapa Teatro, traçando uma instigante fabulação especulativa sobre o projeto Anatomia da Violência na Colômbia.

E assim, encerramos este Editorial mapeando e descrevendo brevemente todos os textos publicados nesta edição. Esperamos que o enfoque dado sobre as pesquisas afrorreferenciadas ajude a expandir as possibilidades de relação com as práticas e as teorias da cena. Contudo, permanece um questionamento: o enfoque desta edição poderia, de alguma forma, contribuir para o colapso do ponto de vista do colonizador, com sua máquina de produzir ficções sobre “Outros”? Poderia, ainda, anunciar a possibilidade de construção

e estabelecimento de novas gramáticas artísticas, culturais e pedagógicas a partir dos(as) “Condenados(as) da Terra” (como nomeou Franz Fanon)?

Veremos!

Alessandra Montagner, Franciane *Kanzelumuka* S. de Paula,  
Marcos Bulhões Martins, Renata Ap. Felinto dos Santos e Rodrigo Severo.

## Referências

**MARTINS, L. M.** **Performances do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela.  
Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.